

## RETROSPECTIVA

## PELO HUMOR NA LINGUÍSTICA

Sirio POSSENTI (Universidade Estadual de Campinas - CNPq\*)

"... o humor é o cômico que perdeu peso corpóreo..." (Ítalo Calvino)

*ABSTRACT: Bias in general is responsible for the limited number of linguistic analyses of jokes. The purpose of this paper is to point the complexity of this type of text and the relevance of the joke and humor for the study of language in general.*

Há bem pouco tempo, a revista D.E.L.T.A. destinou o espaço da Retrospectiva ao humor (ver Travaglia, 1990). Embora o autor tenha dado a seu texto o título de "Uma introdução ao estudo do humor na linguística", a leitura do trabalho logo revelará que é necessária uma definição extremamente ampla de linguística para aceitar que o título do artigo seja um indicador do conteúdo. O que Travaglia faz, no entanto, está perfeitamente de acordo com a tradição de não se fazer análise linguística das piadas (ver Raskin, 1987). Segundo Raskin, o campo é frequentado por numerosos estudiosos com pouco conhecimento e algum preconceito contra a linguística (este não é, óbvio, o caso de Travaglia). Quando analisam piadas, do ponto de vista linguístico, consideram apenas trocadilhos e palavras de duplo sentido, e mesmo assim raramente analisam, deixando esta tarefa para o leitor (p.11-13). Assim, em nenhum momento, fica demonstrado que o humor é um campo de interesse para a linguística, no sentido de que, aí, pode-se fazer boa pesquisa fonético-fonológica, morfológica, sintática, se-

mântica, sociolinguística, etc. E mesmo pragmática e discursiva. Travaglia também mais assinala o interesse do que analisa e mostra a relevância dos dados para teorias linguísticas em sentido mais estrito.

Por essas razões, penso que se justifica a nova entrega do espaço a este tema. Desejo fazer, no entanto, não uma retrospectiva sobre o humor na linguística - menos ainda sobre o humor e sua relevância para a humanidade - mas, na verdade, uma prospectiva. Já que não há (ou não há disponível, pelo menos no Brasil), uma linguística do humor - pelo menos não nos seguintes sentidos: a) uma linguística que tenha tomado por base textos humorísticos para tentar descobrir o que faz um texto ser humorístico, do ponto de vista da língua; b) se se concluir que o humor não é da ordem da língua, uma linguística que explicita quais são os ingredientes das línguas que são acionados para que o humor se produza; c) uma linguística que proponha uma tese sobre se os mecanismos utilizados com função humorística têm exclusivamente esta função ou se se trata de um agenciamento circunstancial de um conjunto de fatores, cada um deles podendo ser responsável pela produção de um outro tipo de efeito de sentido em outras circunstâncias (hipótese mais provável) - não se pode fazer uma retrospectiva. Se se supõe que tal linguística pode vir a existir, é o caso de se fazer uma prospectiva, uma demonstração do que ela pode vir a ser, dos ganhos que poderá propiciar.

Uma das razões pelas quais desejo fazer esta prospectiva é o fato de estar convencido de que os dados humorísticos são uma verdadeira mina para os linguistas, que ainda não os consideraram. Uma segunda razão é que, nas poucas vezes em que falei para platéias de linguistas sobre propriedades linguísticas envolvidas nos textos chistosos - nome pomposo para as conhecidas piadas - estranhei sobremaneira o fato de as questões consideradas relevantes serem mais as condições em que se contam piadas, a necessidade de serem

bem contadas, o fato de envolverem fatores culturais, psicológicos, psicanalíticos etc. Estranhei muito o desinteresse especificamente lingüístico, e desejaria demonstrar que esta atitude produz perdas. Por outro lado, platéias de não-lingüistas consideram em geral interessante exatamente os recursos lingüísticos que suportam os efeitos que eles analisam em suas disciplinas. Desejo colaborar, em outros termos, para que as piadas sejam vistas como peças lingüísticas também. Um sintoma seria um texto sobre humor com bibliografia oriunda basicamente da lingüística, o que nem aqui se fará. A terceira razão é que, nos últimos cinco anos, o número de lingüistas interessados neste problema aumentou consideravelmente. Posso atestar isso apesar dos miseráveis meios de comunicação que tenho à disposição - não muito mais que poucos livros e artigos, além de alguns recados capturados em *bitnets*.

Para tornar as piadas interessantes para a lingüística é necessário considerar seus aspectos tipicamente lingüísticos, deixando, em segundo plano, sem excluí-las, as outras questões relevantes, que o são tanto que sempre interessaram aos outros estudiosos.

Segundo Raskin (1987:17), uma caracterização do chiste, feita em termos semânticos, conteria os seguintes ingredientes: a) uma mudança do modo de comunicação *bona-fide* para o modo não *bona-fide* de contar piadas; b) o texto considerado chistoso; c) dois *scripts* (parcialmente) superpostos compatíveis com o texto; d) uma relação de oposição entre os dois *scripts*; e) um gatilho, óbvio ou implícito, que muda de um *script* para outro. Se Raskin estiver certo, fica claro que uma piada não se constitui apenas de elementos verbais. No entanto, para que a lingüística possa dar ao campo uma contribuição específica e que ainda falta, porque os outros campos não o farão, deveria dar-se como tarefa, no campo do humor, a descrição dos gatilhos. Isto é, a pergunta que a lingüística deve responder é: qual é a característica textual (verbal, material) da piada?

Nos termos de Raskin, a pergunta da lingüística não é "por quê?", mas "como?" É nesta direção que pretendo fazer esta prospectiva.

Para poder fazê-la, minha estratégia será a de tentar demonstrar, em primeiro lugar, que os dados humorísticos são extremamente interessantes enquanto dados lingüísticos, qualquer que seja a teoria adotada, e que o efeito de humor é secundário deste ponto de vista, sendo apenas uma forma auxiliar de validar o dado enquanto dado - por exemplo, como teste para saber se o texto está em língua corrente, se determinada estrutura é ambígua ou unívoca, se o falante domina a regra relevante para o caso etc. Neste sentido, o efeito de humor seria caracterizado como não especificamente lingüístico, sendo a língua um meio entre outros para provocar este efeito de sentido.

Freud concedeu aos chistes um status de grande dado, considerando os chistes constituídos basicamente pelos mesmos traços básicos da linguagem dos sonhos - a mais típica das linguagens do inconsciente. Creio que os lingüistas poderiam ver neles, também, as propriedades essenciais das línguas naturais, tanto de sua "estrutura" como de seu "funcionamento".

Qualquer campo de pesquisa necessita de um bom laboratório de teste para suas teorias. Na lingüística, isto significa principalmente bons dados. Considerados os rumos que ela tomou nos últimos tempos, parece que os dados de aquisição da linguagem, as línguas pidgins, o discurso dos afásicos e mesmo certas estruturas escolhidas para análise pela peculiaridade dos problemas que põem ao investigador - frases famosas como "colorless green ideas sleep furiously", "O rei da França é calvo", "They like the pictures of each other's" se tornaram conhecidas mesmo por não praticantes da sintaxe gerativa e da semântica do valor de verdade, não apenas por sua eventual excentricidade, mas pelo fato de que colocam problemas - têm sido considerados dados de tipo crucial para teste de teorias. Isto é, hipóteses bem sucedidas

na explicação desses dados revelam-se ricas na solução de outros muito numerosos. É por causa do tipo de problema que eles representam que se necessita de teorias sofisticadas. Ninguém perderia seu tempo com teorias complexas se as línguas só tivessem frases como "o boi baba".

Tenho a impressão de que as piadas são dados de tipo crucial, com duas vantagens em relação aos acima mencionados: a) encontram-se em grande quantidade (provavelmente em todas as culturas); b) são dados efetivamente enunciados pelos falantes, não necessitam ser criados *ad hoc* para experimentos-limite. Acrescente-se que são divertidas, o que não é de se desprezar nos horíveis tempos que vivemos.

A seguir, apresento uma série de piadas escolhidas por "nível", isto é, fonológicas, morfológicas, lexicais, sintáticas etc. Tentarei, a cada caso, mostrar os problemas envolvidos, e se verá que nunca há um só, apesar da brevidade dos textos. É uma das razões para que possam ser consideradas dados cruciais. Além disso, cito algumas piadas que tematizam problemas específicos.

- a) fonológica: a) - Ave, Eva!  
                                   - Ave, Adão! (Ah! viadão).  
 b) - O Sena é um *ās* no volante (... asno volante).

Nos dois casos, o "outro discurso" é veiculado pela possibilidade de diferentes pronúncias (não muito diferentes): maior duração num caso e menor no outro; possibilidade de pausa num, impossibilidade no outro, com conseqüente diferença de segmentação, o que faz destes textos piadas também morfológicas. Penso que dados deste tipo fazem melhor efeito que "hãbil idade" e "hãbilidade", sem querer dar a entender que dados construídos não sejam válidos.

- b) morfológica: - Já comeu maracujã?  
                                   - Marã, não.

Estão em questão: duplo sentido de "comer", a possibilidade de segmentação de "maracujã" em três palavras, uma delas a rigor inexistente e duas inferidas sem ser ditas, a própria questão da inferência do que não é dito, a elipse do verbo "comer" em "marã, não" e na sentença que não é dita, mas entendida, sem contar que o texto exige que todos entendam o que não é dito de forma idêntica e o fato de que isso se dá a não ser que alguém não capte o segredo(1).

- c) lexical: - Eu nasci naquela casa.  
 - Eu nasci no hospital.  
 - Por quê? Você estava doente?

A palavra "hospital", aqui, não só obriga a pensar *scripts* com médicos e toda a parafernália, mas, principalmente, obriga-nos a pensar o que significa "hospital" para membros de uma classe social para quem ele é o lugar dos doentes e para os de outra classe, para os quais ele é o lugar da prevenção de qualquer risco. Bom exemplo de palavra atravessada por muitos discursos, embora aparentemente não marcada pelas disputas ideológicas.

- d) metalinguagem: - Quem fala errado? Cebolinha ou Mônica?  
 - Cebolinha.  
 - Não. Esse fala "elado".

Pode ser que Lacan tenha razões para dizer que não há metalinguagem, mas para estar completamente correto, será necessário que elimine do mundo dados como esta piada, em que "elado" é nitidamente mencionado, e também "errado", possivelmente, mas isso só se descobre no fim da piada. Já vi crianças divertindo-se com esta, o que revela finas intuições.

- e) sintática: - Sua mãe tá aí. Você não vai receber?  
 - Receber por quê? Por acaso ela me deve alguma coisa?

Bom exemplo para discutir posições vazias, se todas têm o mesmo estatuto ("a mãe", "alguma coisa", "da mãe"), o que é sintático e o que é textual, além da ambigüidade de "receber" ('receptionar' e 'cobrar').

- f) sociolinguística: - Firme, governador?  
 - Não. Sirvo Santos.

Além de tematizar a diferença de pronúncia entre o caipira e o urbano, exige que se explique como a mesma seqüência significa "o sr. está firme?" (o sr. vai bem, governador?" ou "está vendo um filme, governador?", e que se trate de crítica à pouca cultura oficial do personagem.

- g) pressuposição: - Preciso de um emprego. Tenho 15 filhos.  
 - E o que mais o senhor sabe fazer?

Desnecessário mencionar que "mais" introduz uma pressuposição, ou um outro discurso (o sr. sabe fazer filhos), embora isso não seja trivial. O riso advém também da consideração da atividade sexual, como uma habilidade do tipo profissional, além de exigir o conhecimento de que "o que o sr. sabe fazer?" é uma pergunta comum quando se pede um emprego.

- h) inferência: - Que mulher feia!  
 - Que homem bêbado!  
 - Mas amanhã eu tô bom!

Bebedeira passa, feiura, não. É feia, está bêbado. E sem que isso seja claramente dito, e, no entanto, compreendido. Não é pouca coisa.

- i) tradução: a) - Qui a inventé le système métrique?  
 - Je ne sais pas.  
 - Adam et Eve. Adam a voulu le mètre et Eve a voulu le centimètre (= Adam a voulu le mettre et Eve a voulu le sentir mettre).

Impossível traduzir esta piada para o português produzindo os mesmos efeitos, ao contrário da seguinte, que pode ser traduzida em numerosas línguas, produzindo o mesmo efeito:

- b) I cannibali sono gente molto gentile.  
 Hanno sempre gente a tavola.

- j) contraideologia: - É verdade que você é solteiro?  
 - É. Eu não tenho mulher.  
 - Então quem é que manda em você?

A maioria das piadas políticas, racistas, sexistas etc veiculam o discurso dominante. Esta última veicula outro, o do domínio da mulher sobre o homem. Interessante para a análise do discurso, mas também para a semântica: a pergunta "quem manda...?" pressupõe "alguém manda" e, neste caso, que este alguém é uma mulher, com grande probabilidade.

- k) sentido independente do falante: - Eu não sou racista.  
 São que não gosto muito de alemão. Podiam ter acabado com os judeus e fizeram um serviço de negro.

Este texto exemplifica o fato de que um falante pode dizer o contrário do que pensa que diz, ou, de que um texto recebe seu sentido do discurso a que pertence, não do locutor.



- 1) discurso não óbvio: - Esse cara é bobo. Eu como a mulher dele e ele não sabe. Ele come a minha e eu sei.

Piadas que veiculam discursos correntes, em geral, veiculam-no claramente, como é o caso das piadas de por tuguês, de preto, de gay etc. Esta põe um problema: quem é mais "corno": o manso ou o inocente?

Hã, evidentemente, numerosas piadas que não se caracterizam por um gatilho de "nível" lingüístico. E há outros casos em que o gatilho lingüístico é diferente dos aqui exibidos. O que é relevante, no momento, é mostrar que há exemplos de piadas de "níveis" lingüísticos. E que sua apreensão exige uma manipulação por parte do ouvinte, mais ou menos idêntica à imaginada pelo contador, que decorre de uma compreensão do texto. O que interessou mostrar, nos casos acima, e rapidamente, é que piadas deste tipo, quando contadas e entendidas, tematizam explicitamente uma questão de estrutura lingüística. E exigem que os falantes as manipulem quase inconscientemente. Diria epilingüisticamente. Vou mostrar, em seguida, analisando algumas piadas detalhadamente, que esta afirmação tem muita chance de ser verdadeira.

Antes de fazê-lo, um comentário sobre as piadas cujo gatilho é lexical. A ambigüidade das palavras é um problema relativamente trivial, mas isso não significa que não é relevante em "boas piadas", principalmente se a ela se somam outros ingredientes. Por exemplo, a seguinte frase de Ronan Soares é muito engraçada, provavelmente, porque a "mesma palavra" é muito diferente: não só tem dois sentidos, mas a cada caso a palavra pertence a uma classe diferente: "E o senhor não sabe como é chato militar na imprensa", diz o jornalista a um coronel do Exército que reclama da dureza da vida no quartel (Estado de São Paulo, 9.5.90, Caderno 2). O fato de "militar" poder ser tanto um nome quanto um verbo e estar numa posição sintática adequada nos dois sentidos faz com que toda a sentença deva ser reinterpretada a cada situação.

Um chiste como "C'est le premier vol de l'aigle", analisado por Freud, no qual "vol" significa tanto "vôo" como "roubo" demanda apenas que se acionem dois sentidos da palavra. Paráfrases adequadas seriam "é o primeiro vôo da águia" e "é o primeiro roubo da águia". É verdade que, para se dizer que a estrutura deste chiste é mais simples, é preciso deixar não-analisado o facto de que "águia" é uma metáfora para designar Napo - leão. No caso da frase de Ronan Soares, as paráfrases são muito diferentes entre si: "o senhor não sabe como é chato dedicar-se ao trabalho da imprensa" e "o senhor não sabe como é chato haver militares metendo o bedelho na imprensa". Já a conversa de dois jovens canibais em que um diz ao outro, a respeito de uma jovem a quem falta um pedaço do braço, "essa aí eu tô comendo", deve seu efeito bastante forte à peculiaridade desta ambigüidade. Se se tratasse apenas de ambigüidade lexical (ingerir e manter relações sexuais), provavelmente, o efeito seria menos poderoso. Na verdade, esta piada toca em dois tabus: o sexo e o canibalismo.

(1) Perguntaram ao português:

- O que é um homossexual?

- É um sabão para lavar as partes.

É possível que, para rir desta piada, leve-se em conta o conhecimento de que o português funciona, nas piadas de brasileiros, como protótipo do ignorante. No entanto, parece que este fator, se intervier, é aqui subsidiário, sendo, no entanto, indispensável trabalhar sobre o material linguístico. A seqüência homossexual, na fala, pode ser considerada composta de uma só ou de duas palavras, significando, respectivamente, 'o que tem relação sexual com parceiro do mesmo sexo' e 'um sabão próprio para higiene dos órgãos genitais', caso em que "omo", uma marca de sabão, é tomada metonimicamente por 'sabão', e "sexual" é um adjetivo que indica finalidade ou qualidade. Provavelmente, o ouvinte que não saiba que "omo" é uma marca de sabão terá

dificuldade na interpretação da piada, mas isto é um problema de conhecimento da língua, e não considerarei este fator, aqui. As operações, que me interessam pôr em relevo, são as segmentações alternativas e a comparação implícita entre homossexual e ômo sexual (transcrição que, sem atentar para nenhum detalhe, visa apenas a assinalar, com o diacrítico usual para acento, o núcleo das sílabas de tonicidade saliente, seja esta saliência resultante de maior duração ou de maior intensidade ou de ambos os fatores). Em resumo, pode-se dizer que, no que se refere ao material lingüístico em pregado, o português da piada não respondeu à pergunta "o que é um homossexual?", mas à pergunta: "o que é um omo sexual?" (diferença óbvia na escrita, mas que na fala só se obtêm, operando sobre o material lingüístico).

- (2) De Costa e Silva conta-se a seguinte anedota: Tendo ido aos Estados Unidos, quando candidato, no momento de desembarcar, viu uma faixa em que se lia: "Welcome Costa e Silva". Vendo-a, parou e, instado a desembarcar, teria dito: "- Só se prenderem o Wel".

Para que saque o efeito humorístico, esta piada exige do ouvinte as mesmas operações epilingüísticas efetuadas pelo personagem, a saber, a segmentação da palavra "Welcome" em "Wel" e "come", a hipótese de que "Wel" seja o nome de um homem e "come" a terceira pessoa do presente do indicativo do verbo "comer", no sentido de "possuir sexualmente". Como se pode perceber, operações deste tipo podem ser efetuadas sobre material de língua materna, bem como sobre enunciados de uma língua estrangeira, desde que haja alguma semelhança material de escrita ou fala que lhe forneça suporte.

Num caso como este, é importante distinguir o efeito humorístico propriamente dito do efeito de atribuição do predicado "burrice" ao personagem: o primeiro decorre de operações epilingüísticas; o segundo, do equívoco que representa efetuá-las. É evidente, no entanto, que

se uma operação similar for feita por uma criança ou um adulto, de quem não se espera nenhuma sofisticação cultural, este segundo efeito não se produz.

(4) - Sabe do que é feito o bigode do Sarney?

- ...

- Tudo pelo social.

O humor provocado por este diálogo se deve de novo a uma operação de comparação de dois significados possíveis do "mesmo" enunciado, que podem ser parafraseados por 'tudo em favor do social' e 'os pelos são todos sociais'. Nesta segunda paráfrase, tem-se uma predicação estranha ao sistema de referência do mundo das coisas, já que 'social' não é um predicado usual de 'pelo' (como o são, por exemplo, 'branco', 'macio' etc), mas o discurso humorístico, embora não só ele, não está interessado em manter relações de significação num mesmo sistema de referência, sendo, aliás, a justaposição de mais de um deles uma fonte frequente deste tipo de efeito de sentido. Aqui, de novo, o texto humorístico exhibe claramente uma propriedade geral da linguagem (a passagem de um para outro sistema de referência), que, no entanto, nem sempre se manifesta claramente. A operação é pilingüística, efetuada também, é baseada em contrastes de acento, pois o final do diálogo pode ser enunciado como "túdo pelo social" ou como "túdo pelo social". Expressões tão nitidamente diversas quanto *black bird* e *blackbird*.

É preciso que a segmentação alternativa encontre fundamento na língua, isto é, que produza um novo enunciado, real ou possível. Real, se a segmentação produzir um enunciado da língua, do ponto de vista gramatical, isto é, se nenhuma unidade é utilizada ou criada *ad hoc*; possível, se o resultado for inusitado, não corrente, do ponto de vista gramatical, como é o caso do exemplo com "... pelo social". Sem maiores comentários, veja-se a seguinte definição de "relativa" dada por um dos alunos na escolinha do professor Raimundo: "é uma acusada que late" (re → ré = 'acusada': "lativa"

= 'que late', com base na semelhança fonética, como em numerosos casos de etimologia popular).

Nos casos acima, vimos enunciados potencialmente ambíguos, com sentido diverso conforme a segmentação efetuada, com base na diversidade de acento. Em casos de ambigüidade potencial, como se sabe, muito frequentemente, não é necessário desfazê-la através de recursos de expressão explícitos, deixando que ela seja desfeita pelo apelo do ouvinte a fatores relevantes do contexto. Este outro trabalho, os falantes também o fazem normalmente. No entanto, é interessante notar que, frequentemente, é possível desfazer a ambigüidade, de forma explícita, mas sem apelar para paráfrases que alteram, substancialmente, a estrutura sintática do enunciado. Casos como os acima mostram, claramente, que este trabalho pode ser efetuado apenas com base em diferenças de acento, que podem eliminar totalmente a ambigüidade, embora a alusão permaneça.

As primeiras piadas analisadas mais detalhadamente são, ao mesmo tempo, fonológicas e morfológicas, porque o critério fonológico demarca morfemas. Como disse acima, é difícil que uma piada agencie um recurso apenas. Vejam-se as seguintes, nas quais o fator fonológico também é relevante, embora aparentemente se trate de piadas de palavras:

- (5) Antes do pacote, Fernando Collor apreciava especialmente lula e truta. Depois do pacote, tubarão e polvo.

"Lula" e "truta" remetem a dois sentidos de base puramente lexical: apelido de um candidato ou um molusco; e um peixe ou uma "maracutaia", respectivamente. Mas, em "tubarão" e "polvo", há algo mais: "tubarão" se comporta como "lula" e "truta", isto é, tem dois sentidos: um peixe ou um ricaço, mas, para se obter o mesmo efeito com "polvo" é preciso agir sobre o material fonético. Intuitivamente, a consoante final da primeira sílaba é enunciada como uma semivogal posterior arredonda da [polvu] e, por isso, fica pouco distintiva, tornando

a palavra muito parecida com "povo". A diferença é pequena o suficiente para permitir a descoberta do "outro discurso", mas exige que se descubra.

Veja-se, agora, um caso completamente distinto. Tentarei mostrar que rimos desta piada (os que rimos), por causa de uma peculiaridade sintático-semântica, a saber, porque pensamos, à primeira vista, que o escopo de um certo advérbio é um e apenas um, e descobrimos, em seguida, que pode ser também outro. Conforme seja um ou outro o escopo, instaura-se uma ou outra pressuposição, e é também pelo desmentido da única que parece relevante que rimos.

(6) - Estou com vontade de comer a Luiza Brunet de novo.

- O quê? Você já comeu?

- Não. Mas já tive esta vontade antes.

O que quero mostrar, através de sucessivas substituições, - que poderiam ser multiplicadas - do que pode parecer a razão do riso, é que Luiza Brunet não é a fonte do prazer, pelo menos nesta piada. O fulcro da história, como se verá, é a expressão adverbial "de novo".

Suponha-se que a piada tivesse as seguintes versões alternativas:

(6a) - Estou com vontade de ser candidato à Presidência da República de novo.

- O quê? Você já foi?

- Não. Mas já tive essa vontade antes.

(6b) - Estou com vontade de ser rico como o Antonio Ermínio de novo.

- O quê? Você já foi?

- Não. Mas já tive essa vontade antes.

(6c) - Estou com vontade de ser um ilustre analista de piadas de novo.

- O quê? Você já foi?

- Não. Mas já tive essa vontade antes.

Penso que todas as versões são igualmente provocadoras de riso. É óbvio que cada versão demanda um ouvinte específico, do ponto de vista empírico, isto é, só se e quando essas versões da piada são efetivamente contadas. Este ouvinte deve ser, no mínimo, alguém, para quem façam algum sentido as expressões "comer a Luiza Brunet", "ser rico como o Antonio Ermírio", "ser candidato a presidência" e "ser um ilustre analista de piadas", não só no sentido de que se conheça seu sentido e/ou referência, mas também no de saber avaliar o que tais pessoas ou predicados representam numa cultura como a nossa, isto é, seu relevo social. Mas, suponhamos que estas piadas sejam contadas a um Leitor Modelo, no sentido de Eco (1979). Fariam, sem dúvida, o mesmo efeito.

Do que rimos, ou do que ri o Leitor Modelo? Primeiro, da surpresa sintático-semântica que, sumariamente, pode ser assim descrita: a expressão adverbial "de novo", na posição em que está, tende a tomar, como seu escopo, dentre os possíveis, aquele que está mais próximo. Nas versões acima, o constituinte que contém o verbo mais próximo, seja ele qual for. Por exemplo, "comer a Luiza Brunet", "ser candidato à presidência". Não ocorre, à primeira vista, a possibilidade de que o escopo de "de novo" seja "estar com vontade" e, no entanto, no final do texto, isto se torna óbvio. Numa espécie de *insight*, o Leitor descobre esta possibilidade, e ri. Talvez pelo prazer da descoberta de algo familiar, se quisermos seguir Freud, e mais especificamente, da descoberta da familiaridade de um conhecimento gramatical.

A segunda razão é que a expressão "de novo" instaura uma pressuposição. A pressuposição instaurada, nos casos acima, é, por exemplo, "já comi a Luiza Brunet", "já fui um ilustre analista de piadas". O enunciado interrogativo do ouvinte é uma fala que manifesta espanto, talvez inveja.

Que a ambigüidade, em relação a qual seja o escopo de "de novo" é um ingrediente necessário para a produção do efeito de humor, pode-se ver reconstruindo o primeiro enunciado de forma a evitá-la. Para tanto, é necessário que "de novo" esteja em outra posição e que, sendo o enunciado idêntico no que diz respeito aos outros constituintes, haja uma certa entonação que impeça "de novo" de alcançar o mesmo escopo que alcança, privilegiadamente, na posição final. Por exemplo:

(6d) - Estou de novo com vontade de comer a Luiza Brunet.

Deve-se reparar que esta construção não impede que "de novo" se ligue a "comer a Luiza Brunet", apenas torna a operação um pouco mais difícil. Por isso, é necessária uma entonação especial e, mesmo assim, não sei se é possível. Provavelmente, a decisão sobre possibilidade ou impossibilidade do fato se deva mais a razões empíricas do que textuais, neste caso. Isto é, depende menos do texto e mais de quem diz.

Parece ser necessário modificar mais drasticamente a piada para, juntamente com a nova posição para a expressão adverbial, permitir a eliminação da ambigüidade. Por exemplo:

(6e) - Sonhei que comi a Luiza Brunet de novo.,

pode causar a mesma seqüência da piada original, mas certamente é bem possível evitá-la em:

(6f) - Sonhei de novo que comi a Luiza Brunet.,

caso em que se pode muito bem dizer, como resposta:

(6g) - Lá vem você de novo com seus sonhos impossíveis.,



- O quê? Você já foi?

- Não. Mas já tive essa vontade antes.

Penso que todas as versões são igualmente provocadoras de riso. É óbvio que cada versão demanda um ouvinte específico, do ponto de vista empírico, isto é, se e quando essas versões da piada são efetivamente contadas. Este ouvinte deve ser, no mínimo, alguém, para quem façam algum sentido as expressões "comer a Luiza Brunet", "ser rico como o Antonio Ermírio", "ser candidato a presidência" e "ser um ilustre analista de piadas", não só no sentido de que se conheça seu sentido e/ou referência, mas também no de saber avaliar o que tais pessoas ou predicados representam numa cultura como a nossa, isto é, seu relevo social. Mas, suponhamos que estas piadas sejam contadas a um Leitor Modelo, no sentido de Eco (1979). Fariam, sem dúvida, o mesmo efeito.

Do que rimos, ou do que ri o Leitor Modelo? Primeiro, da surpresa sintático-semântica que, sumariamente, pode ser assim descrita: a expressão adverbial "de novo", na posição em que está, tende a tomar, como seu escopo, dentre os possíveis, aquele que está mais próximo. Nas versões acima, o constituinte que contém o verbo mais próximo, seja ele qual for. Por exemplo, "comer a Luiza Brunet", "ser candidato à presidência". Não ocorre, à primeira vista, a possibilidade de que o escopo de "de novo" seja "estar com vontade" e, no entanto, no final do texto, isto se torna óbvio. Numa espécie de *insight*, o Leitor descobre esta possibilidade, e ri. Talvez pelo prazer da descoberta de algo familiar, se quisermos seguir Freud, e mais especificamente, da descoberta da familiaridade de um conhecimento gramatical.

A segunda razão é que a expressão "de novo" instaura uma pressuposição. A pressuposição instaurada, nos casos acima, é, por exemplo, "já comi a Luiza Brunet", "já fui um ilustre analista de piadas". O enunciado interrogativo do ouvinte é uma fala que manifesta espanto, talvez inveja.

Que a ambigüidade, em relação a qual seja o escopo de "de novo" é um ingrediente necessário para a produção do efeito de humor, pode-se ver reconstruindo o primeiro enunciado de forma a evitá-la. Para tanto, é necessário que "de novo" esteja em outra posição e que, sendo o enunciado idêntico no que diz respeito aos outros constituintes, haja uma certa entonação que impeça "de novo" de alcançar o mesmo escopo que alcança, privilegiadamente, na posição final. Por exemplo:

(6d) - Estou de novo com vontade de comer a Luíza Brunet.

Deve-se reparar que esta construção não impede que "de novo" se ligue a "comer a Luíza Brunet", apenas torna a operação um pouco mais difícil. Por isso, é necessária uma entonação especial e, mesmo assim, não sei se é possível. Provavelmente, a decisão sobre possibilidade ou impossibilidade do fato se deva mais a razões empíricas do que textuais, neste caso. Isto é, depende menos do texto e mais de quem diz.

Parece ser necessário modificar mais drasticamente a piada para, juntamente com a nova posição para a expressão adverbial, permitir a eliminação da ambigüidade. Por exemplo:

(6e) - Sonhei que comi a Luíza Brunet de novo.,

pode causar a mesma seqüência da piada original, mas certamente é bem possível evitá-la em:

(6f) - Sonhei de novo que comi a Luíza Brunet.,

caso em que se pode muito bem dizer, como resposta:

(6g) - Lá vem você de novo com seus sonhos imposíveis.,

porque, então, fica claro que se trata apenas da repetição de um sonho.

Que a ambigüidade do escopo de "de novo" instaura uma pressuposição é bastante óbvio, e qualquer dos testes tradicionais para fazê-la aparecer pode ser utilizado. Suponhamos que se tenha:

(6h) - Estou lhe dizendo que estou com vontade de comer a Luiza Brunet de novo.

Este enunciado leva o ouvinte a entender que o falante já teve a oportunidade de realizar a ação indicada na expressão que segue "estar com vontade de". A diferença mais sensível, neste caso, em relação à versão inicial da piada, é que, dificilmente, alguém iniciaria um diálogo desta forma, sendo ela mais adequada para o efetivo e mais explicitamente marcado comprometimento do falante com a verdade do que diz, utilizando uma construção que se caracteriza por uma certa veemência, adequada, por isso mesmo, a tentar fazer com que o ouvinte se convença da verdade do que lhe é dito, depois de ter expresso sua dúvida.

O pressuposto pode mais facilmente ser visível no caso de:

(6i) - Não estou com vontade de comer a Luiza Brunet de novo.,

em que a negação atinge apenas "estar com vontade", deixando passar como um fato que, no que se refere a "comer...", isto já aconteceu.

O terceiro ingrediente necessário para a produção do efeito de humor do texto em questão é que aquilo que se dá a entender que pode vir a acontecer de novo deve ser algo difícil, raro, acessível a poucos. Se a piada tivesse, como personagens, brasileiros relativamente comuns e começasse com:

(6j) - Estou com vontade de comer bananas de novo.,

não propiciaria ao ouvinte uma pergunta reveladora de espanto (e inveja) e, portanto, impediria a fala retificadora. Afinal, ninguém se espantaria com o fato de alguém já ter comido bananas, na situação acima imaginada. Mas está claro que não se trata de bananas e de Luiza Brunet e, sim, de algo de fácil ou difícil acesso. Note-se que deve ser algo de acesso difícil o suficiente para provocar espanto, mas não tão difícil que se torne impossível crer na verdade do que o falante diz.

O fato de que o ingrediente em questão pode variar segundo o ouvinte empírico é suficiente para revelar que é o menos importante na piada. Sua presença se destina a provocar o espanto, que é seguido da retificação.

Esta piada contém um tipo de estrutura em relação à qual vale a pena perguntar se uma sintaxe independente da semântica faz algum sentido. A pergunta seria, a rigor: onde está o advérbio, em estruturas como esta?

Analisarei, agora, alguns textos que, se não interpretados da maneira demandada por eles, não produzem seu principal efeito. Argumentarei, subsidiariamente, que são bons argumentos contra pretensas "leituras do leitor". Se ele quiser entendê-las, terá que levar fortemente em conta o texto.

Apresentarei, em primeiro lugar, três piadas cujas partes podem ter, sem dúvida, mais de uma leitura mas, no seu todo, só autorizam uma - pelo menos enquanto piadas - e tentarei argumentar, embora de forma intuitiva, que tal interpretação é comandada por regularidades linguísticas mais gerais e não por critérios *ad hoc*, embora, eventualmente, entre em jogo algum fator externo ao texto. Considerem-se, pois, as seguintes piadas:

(7) - Então, o senhor sofre de artrite?

- É claro! O que o senhor queria? Que eu desfrutasse de artrite, que eu usufruísse artrite, que eu me beneficiasse de artrite?

Neste texto, o que parece claro é que a pergunta é tomada pelo paciente como se incidisse apenas sobre "sofre", e não sobre "sofre de artrite", e muito menos como se sô incidisse sobre "artrite" (interpretação a meu ver a mais usual). Ou seja, a resposta faz de conta que "artrite" é dado e apenas o verbo "sofre" é o escopo da pergunta, sem envolver seu argumento. Isso significa que, considerada a pergunta fora de qualquer contexto, ela teria, em princípio, mais de uma leitura, na verdade, tantas quantas forem as possibilidades de se marcar o foco através de uma saliência fônica ou qualquer outro recurso alternativo. Explicitando as possibilidades, teríamos: (i) o senhor sofre de artrite = é o senhor que sofre de artrite? = e não outra pessoa; (ii) o senhor sofre de artrite? = é de artrite que o senhor sofre? = e não de outra doença; (iii) em relação a sua artrite, o senhor sofre com ela? = o senhor sofre de artrite? No caso de não haver nenhuma destas marcas, isto é, de o enunciado ser produzido de forma não marcada, a leitura mais provável é aquela em que "artrite" é tomado como novo (ou foco da pergunta) e tudo o que antecede "artrite" é tomado como dado (isto é, toma-se o enunciado como se seu locutor não tivesse dúvida sobre quem fala e não houvesse dúvida sobre o fato de que o interlocutor sofre; sô não tem certeza se é de artrite ou de outra doença). O texto completo, no entanto, obriga o leitor da piada a considerar "sofre" como podendo ser o novo, ou mais exatamente, como sendo o foco ou, ainda em outras palavras, como se o que pergunta tivesse dúvida sobre se seu ouvinte sofre, e não se ele tem dúvida sobre se a doença é artrite. Se o leitor não se movimentar segundo esta diretriz do texto, não entenderá como a resposta pôde ter sido a que houve.

Retomem-se as explicitações possíveis dos sentidos da pergunta que começa a piada, com leves alterações. As três formas de compreensão permitidas são:

(i) o senhor sofre de artrite? = é o senhor que sofre de artrite? = quem sofre de artrite aqui é o senhor?

(se o falante apontar o dedo indicador na direção do ouvinte, a identificação fica ainda mais precisa; uma alternativa comum é olhar para ele).

(ii) o senhor sofre de artrite? = é de artrite que o senhor sofre? = sua doença é artrite?

(iii) o senhor sofre de artrite? = o senhor tem artrite: dói? = a artrite lhe causa dor?

Respostas adequadas para (i) e (ii) seriam, por exemplo e, respectivamente, (i') "eu não, ele" e (ii') "não, de apendicite", em que se nega o que é enfatizado, visado, enfocado. Ou, (i'') "eu mesmo" e (ii'') "de artrite, sim", em que se confirma o que a pergunta insinua. A resposta da piada só é possível se o ouvinte "entendeu" que a pergunta era (iii). E o texto é uma piada porque ninguém pensaria na pergunta do texto como significando o que significa em (iii). Isso só se descobre lendo a piada até o fim.

- (8) - Desculpe, querida, mas eu tenho a impressão de que você quer casar comigo só porque eu herdei uma fortuna do meu tio.  
 - Imagina, meu bem! Eu me casaria com você mesmo que tivesse herdado a fortuna de outro parente qualquer!

No caso (8), a namorada faz de conta que a fala do namorado destaca a palavra "tio"; faz dela o único escopo da expressão inclusiva "só"; sem esta leitura, o desmentido da namorada não tem sentido, pois é a "tio" que é oposta a expressão "outro parente qualquer".

Todo o efeito de humor é decorrente do fato de que o primeiro interlocutor escolhe um foco e a resposta é dada como se ele tivesse escolhido um outro. Isso pode ser obtido graças à indeterminação do escopo quando a categoria que o seleciona está posicionada no início de uma cadeia na qual todos os constituintes têm potencialidade semântica (i.é, sem incongruência) de ser esco -

pos ou focos. O procedimento malicioso de quem responde consiste em fazer como se o primeiro falante tivesse selecionado um escopo muito específico (isto é, como se seu texto fosse unívoco e só num sentido), sobre o qual incidirá a resposta. A tarefa do leitor/ouvinte é perceber a diferença entre a mais provável interpretação do texto do primeiro falante e a esperta seleção alternativa do interlocutor. O leitor que não "saca" isso não entende a piada. Neste sentido, textos podem impor uma leitura única, mesmo que sejam, potencialmente e, às vezes, por razões sintáticas, ambíguos ou abertos.

Penso que a explicitação acima é suficiente para fazer com que algum eventual leitor que não tenha entendido a piada passe a entendê-la. No entanto, ela contém ingredientes que merecem algumas considerações a mais. Vale a pena consumir um pouco mais de espaço para falar da palavra "só", de sua sintaxe e das diversas formas pelas quais ela espalha seus tentáculos. (Não vou resolver a questão, que é para sintaticistas e semantistas e não para analistas de piadas. Falarei do "só" desta piada, só.) Pense-se, por exemplo, na possibilidade de a fala do noivo ter sido:

(8a) - Desculpe, querida, mas eu tenho a impressão de que você só quer casar comigo por que eu herdei uma fortuna do meu tio.

Observe-se que, nesta posição, a palavra "só" jamais faria qualquer leitor pensar na hipótese de que o noivo está dizendo que acha que a noiva "só quer casar" (isto é, em relação a casar ela só quer, mas não gosta, não se esforça por), isto é, não ocorre que o escopo de "só" seja apenas o verbo "querer". Mas, se o "só" for para a posição intermediária entre "quer" e "casar", aí será difícil evitar a percepção de que "só" está escolhendo "casar" como seu escopo único. Isto é, uma seqüência como:

(8b) ... você quer só casar porque ...

pode muito bem ser interpretada como se o noivo estivesse se queixando de que a noiva está querendo uma coisa só, casar, e mais nada (não quer dormir com ele, ter filhos, lavar a louça, dirigir os negócios, enfim, nada além de casar).

Fatos como este são argumentos de que há posições na frase, a partir das quais certos elementos ganham uma liberdade muito grande de selecionar alvos próximos ou distantes, mas que, em outras posições, eles têm alcance restrito. Quais seriam essas posições? E aquelas? Observe-se, por exemplo, que, se o "só" for para a posição das expressões abaixo:

(8c) ... casar comigo porque herdei uma fortuna só do meu tio.,

(8d) ... casar comigo porque herdei uma só fortuna do meu tio.,

para haver uma piada, a manobra tem que ser bem mais complicada e incidir sobre um ingrediente completamente diverso.

Seria desnecessário observar, talvez, que procedimentos como este não são exclusivos de textos humorísticos, nem recursos lingüísticos ou textuais raros, são acessíveis a falantes de alguma maneira especializados em algum tipo de texto. São, ao invés, procedimentos funcionais normais, apenas investidos, nos casos que vimos, de função humorística. Sirva de exemplo da não exclusividade ou não raridade destes mecanismos o seguinte diálogo entre um adulto e uma criança de 11 anos:

A - Se você continuar fazendo isso, eu não te dou mais os trocados que me sobram.

C - Tá bom. Então você me dá as notas de mil.,



no qual, obviamente, a resposta sõ tem sentido se seu autor opera como se a negação na sentença do adulto se aplicasse apenas a "trocados que me sobram", e que, por tanto, o verbo "dar" não é negado. (Há outras coisas envolvidas, como a reorientação argumentativa e, na verdade, também um certo humor nesta resposta).

- (9) - Você tem aí quinhentos mangos pra me emprestar?  
 - Não.  
 - E em casa?  
 - Tudo bem, obrigado.

A piada (9) é ainda mais interessante e sofisticada (o que não significa mais engraçada, talvez porque tematize um campo menos problemático) porque aciona mais de um tipo de fator, um deles idêntico ao acima estudado e outras estratégias que serão descritas a seguir.

Pode-se muito bem imaginar que a pergunta com "tem aí" incida, do ponto de vista de quem a faz, sobre "tem" (ou "tem aí" com foco sobre "tem") ou sobre "aí" apenas. A resposta pode ser considerada a negação de todo o predicado ou como incidindo apenas sobre "aí". O primeiro caso permitiria a seu autor negar o empréstimo, sem ser grosseiro ("não tenho"), talvez na esperança de fazer com que o chato desista. Mas este não se dá por vencido e assume a segunda interpretação da resposta ("aquí não"), fazendo de conta que esta é também a interpretação desejada pelo outro. Se ele não a desmentir, o diálogo poderá prosseguir da direção imposta por esta interpretação. Como o desmentido exige uma tomada de posição clara, polêmica, esta estratégia funciona como uma forma sutil de imposição da interpretação. Por isso, o que está sem di-  
 nheiro pode continuar perguntando - de uma forma que ele transformou em adequada e em relação à qual o outro não protesta (portanto, sem violação de princípios conversacionais que regem a continuidade discursiva) - se ele tem quinhentos mangos em casa, uma vez que ele mesmo a-

ceitou que aí seu interlocutor não os tem. Isto é, interpreta a resposta "não" como incidindo apenas sobre "aí", excluindo "tem quinhentos mangos". É só assim que faz sentido a pergunta "e em casa?".

Mas o interlocutor não entra no jogo e desloca por sua vez a questão de um *frame* para outro. Ao invés de tomar a pergunta como se incidisse sobre elementos elípticos, isto é, interpretando a nova pergunta como "e em casa, você tem quinhentos mangos para me emprestar?" - leitura que parece ser a mais óbvia, senão a obrigatória, dado o contexto e a interpretação conferida ao texto até então pelos próprios personagens, já que não houve nenhuma indicação de mudança de tópico - toma a pergunta como se fosse uma pergunta ritual. É por isso que se pode analisar a sequência do diálogo, em termos de mudança de *frame*. O interlocutor a quem é solicitado o empréstimo transforma o pedido de empréstimo em pergunta sobre a situação, o estado de saúde etc. das pessoas de sua casa. Observe-se como esta mudança simples coloca problemas extremamente complexos: o que se tem, do ponto de vista gramatical, é uma pergunta (que a marca de interrogação deixa explícita). A interpretação que o texto exige é que a pergunta seja entendida como um pedido de empréstimo (o interlocutor não quer propriamente saber se o outro tem dinheiro, mas se tem para emprestar - é um ato de fala indireto, portanto). O mesmo material é interpretado pelo ouvinte como uma pergunta sobre a situação dos familiares - 'e em casa como vão as coisas?'. É claro que ele só pode fazer isso porque a pergunta, tal como lhe é feita, permite "convencionalmente" (= tem como um de seus sentidos) que esta seja uma de suas interpretações. O que esta passagem revela não é uma construção linguisticamente complexa, mas uma complexa relação entre construções linguísticas e situações sociais mais ou menos regradas.

De novo, tem-se aqui um texto composto por alguns enunciados breves, os quais são passíveis de várias interpretações, dada sua estrutura gramatical e a conside

ração de alguns fatores contextuais e regras do tipo pragmático. No entanto, do ponto de vista do leitor da piada, uma única interpretação se impõe. Ou seja, a cada passo da leitura, o leitor é obrigado a deixar de lado algumas das possíveis interpretações, por ser incongruente em relação ao restante do texto.

O exemplo seguinte, embora acionando outro mecanismo, agora sintático, opera, no fundo, da mesma maneira, a saber: há um enunciado potencialmente ambíguo que se desambigua em seguida, impondo ao leitor da piada uma interpretação única. Veja-se:

- (10) - A coisa que mais gosto de fazer é acordar cedo e apertar a campainha para chamar o criado...
- O quê? Você tem criado?
- Não! Criado, não. Eu tenho uma campainha...

Toda a estratégia desta piada consiste em que aparece, como primeira fala, um enunciado que contém um constituinte de relação ambígua. A expressão "para chamar o criado" pode relacionar-se com "apertar a campainha", caso em que será uma oração final, ou apenas com "campainha", caso em que será um adjunto adnominal. A dupla relação desta expressão com o que a antecede pode ser representada assim, parenteticamente:

- (i) ... [ apertar a campainha [ para chamar o criado ] ],

ou, alternativamente:

- (ii) ... apertar a [ campainha [ para chamar o criado ] ]

Como se vê, pode-se ter, num texto, um enunciado ambíguo, mas isto é diferente de dizer que se tem um texto ambíguo. Se se quiser tentar descobrir a intenção

dos falantes, pode-se, provavelmente, apostar que o primeiro, ao começar sua fala, tem a intenção de produzir um enunciado, em que a função de "para chamar o criado" seja a de adjunto adnominal de "campainha", mas sabendo que a interpretação do ouvinte dificilmente será esta, inclusive pela presença do artigo definido em "o criado" ("para chamar criado" é mais claramente ambígua do que "para chamar o criado", expressão que supõe uma classe extremamente restrita de campainhas. Neste sentido, esta piada força um pouco a mão). Eventualmente, pode-se apostar que ele produz, de propósito, um enunciado ambíguo, para "pegar" o ouvinte, por saber que a relação mais normalmente estabelecida por "para" é com verbos e não com nomes, embora esta não seja uma impossibilidade, pois uma das funções dos adjuntos é exatamente a de especificar, na forma de predicação, a finalidade de um objeto. Mas é, sem dúvida, mais geral a utilização de "para" com outra função, a de indicar a finalidade de uma ação, e a presença de um verbo só fortalece esta hipótese. Vê-se, aqui, em atuação, uma das características mais típicas da indeterminação sintática das línguas naturais, a de utilizar uma mesma expressão para o estabelecimento de mais de uma relação semântica.

De forma semelhante, pode analisar-se esta outra piada:

- (iii) Foi quando chegou o amigo do Manuel e o convidou:  
 - Ó gajo! Estou a lbe convidaire para a festa de quinze anos de minha filha.  
 - Está bem, patrício. Eu irei. Mas ficarei no máximo uns dois anos ...

O recurso indeterminado aqui explorado é a preposição "de", que, se seguida de alguma expressão denotadora de tempo, pode, claramente, introduzir um adjunto expressando duração, como em "reunião de duas

horas", por exemplo. Mas o "de", seguido de material semelhante, pode também significar causa, como em "festa de 15 anos", na sua interpretação corriqueira. (Hã, certamente, uma forte relação entre a quantidade de tempo marcada por uma expressão e fatores culturais ou habituais. Por exemplo, seria praticamente impossível pensar-se em uma reunião de quinze anos de duração, bem como em uma festa de duas horas, isto é, numa festa por causa de duas horas, no sentido de comemorar-se duas horas de vida ou de casamento ou de formatura. Mas é bom que fique claro que estas são "impossibilidades" de nossa cultura, e não de qualquer mundo possível. Daí porque critérios sintáticos e semânticos não são suficientes para a eliminação da ambigüidade de enunciados como o que está em questão. A solução é, necessariamente, de ordem da cultura).

Vale anotar, no caso desta piada, uma outra coisa interessante: o bobo da história, o português que se propõe a ficar dois anos numa festa, é o único capaz de ler "de 15 anos" significando duração. O bobo é o esperto. O que sabe ler *no texto*, não apenas levando em conta um hábito de leitura. A moral é que quem não lê conforme se lê é bobo ou que bobo é quem não enxerga um sentido óbvio inscrito no texto?

Argumentar que um texto impõe a seus leitores uma leitura única, sob pena de não entenderem sua razão de ser, não é a mesma coisa que dizer que o leitor é um receptor passivo de um texto, diante do qual são lhe resta a mera decodificação, isto é, o agenciamento puro e simples de seu conhecimento lingüístico. Pelo contrário, e os exemplos analisados mostram claramente que não é esse o caso. Em mais de um caso foi explicitado o ingrediente não verbal que a interpretação considera, além do que as relações entre esses ingredientes e os ingredientes lingüísticos estão longe de ser evidentes ou fáceis. Textos como os que vimos (deve haver numerosos outros semelhantes neste aspecto) têm sua própria estra

tégia de imposição de leitura, que consiste, basicamente, em apresentar ao leitor diversas possibilidades para, em seguida, impedir-lhe algumas.

Piadas são excelentes dados para a lingüística - espero ter mostrado isso - por duas razões fundamentais: a) elas mostram claramente que as línguas não são estruturas acabadas, isto é, não é verdade que nelas tudo é opositivo e distintivo; pelo contrário, seu funcionamento exige uma contínua interrelação entre fatores de ordem gramatical e fatores de ordem cultural, ideológica, cognitiva etc; b) porque as características da língua aparecem nas piadas de forma condensada, o que permite que, com um único dado, abordem-se diversos tipos de problemas. Do ponto de vista específico da análise do discurso, as piadas são dados exemplares pelas seguintes razões, pelo menos: a) as duas acima; b) as piadas não exigem um autor, mas exigem que quem as conta e quem as ouve se comportem segundo certas restrições de ordem gramatical, conversacional, textual, sob pena de destruir ou não captar o efeito de humor. Assim, se não exigem uma "origem", exigem um trabalho dos falantes e um domínio de um conjunto complexo de regularidades. Em suma, as piadas mostram que as questões de língua são sempre questões de discurso, pela simples razão, que as piadas exibem quase à luz do dia, de que as questões de discurso sempre são questões às quais não podem faltar os ingredientes da língua. Com uma condição: que a língua seja assumida como uma quase estrutura indeterminada (Franchi, 1977), em função do que seu exterior está umbilicalmente ligado a ela, inclusive porque ele é concebido como é, através da própria língua.

#### NOTAS

- \* - O autor é pesquisador do CNPq, cf. processo nº 303984-85/6. O projeto em curso é relativo ao humor. Por isso, algumas análises presentes neste texto foram retiradas parcialmente de outros, alguns de circulação mais restrita.

I - Aqui, homenagem Júlia, oito anos, como fiz em outra ocasião, por ter descoberto que o segredo das piadas é que elas têm um segredo.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ECO, U. (1987) *Lector in fabula*. São Paulo, Perspectiva.
- FRANCHI, C. (1977) Linguagem: atividade constitutiva. *Almanaque* 5, 9-27.
- RASKIN, V. (1987) Linguistic heuristics of humor: a script-based semantic approach. *International Journal of the sociology of language*, 65, 11-25.
- TRAVAGLIA, L.C. (1990) Uma introdução ao estudo do humor na lingüística. *D.E.L.T.A.* 6, 1: 55-82.